

MANUEL DE FIGUEIREDO

DISCURSO I SOBRE A COMÉDIA

ed. Paula Magalhães

2008

1758
Discurso I

Senhores,

Sem aquele temor próprio de dignos oradores, com que a distinção destes lugares fez que principieis vossas dissertações, satisfarei a obrigação em que me pôs a cegueira do escrutínio, não porque ignore que a mesma liberdade em que deixais a idea seja mais um motivo para a minha confusão, mas porque são diferentes as razões com que os ocupamos. Vós subis a eles a decidir com prudentes juízos aqueles pontos mais problemáticos que se encontram no delicado assunto das belas letras, a refutar as preocupações em que inadvertidamente caíram os amantes da novidade, a restaurar o bom gosto das ciências, a descobrir novos caminhos à imortalidade. Assim o mostrais. Eu considero-me aqui unicamente para vos incitar à continuação de lições tão proveitosas. Todo o meu trabalho foi buscar-vos um assunto próprio. Tive a felicidade de encontrá-lo, não só interessante à gloria da Arcádia, porém o mais útil à sociedade civil, o de que mais depende a polidez do nosso reino.

É este a comédia. Sabeis o deplorável estado em que se acha, sabeis a sua grande utilidade, sabeis a severidade com que foi banida, ouvis clamar a religião contra ela. Escuso a referir-vos factos. Já ouvistes neste lugar um admirável tratado de erudição sobre o assunto. Direi unicamente algumas reflexões precisas à boa comédia portuguesa, compatível com a austeridade e com a religião que, como ou a propensão do meu génio ou a virtude dos meus desejos, me inclinam a semelhante estudo, ou talvez o desengano que à vista das obras de alto coturno, que já admirou o mundo e eu vos tenho ouvido, me não permite a pouca elevação do meu verso, a vulgaridade da minha frase, nem ainda aquela mediocridade que eu esperava da economia delas. É preciso mostrar-vos o caminho que intento seguir na composição destes dramas, para que as vossas observações assegurem útil o meu trabalho.

Por não abusar da civilidade com que me escutais, que eu mereço na atenção com que vos ouço (deixai-me prescindir da diferença do interesse), direi unicamente neste primeiro discurso o que me ocorreu sobre o assunto, a fábula e os caracteres da comédia. Não temais que vos repita o que tereis lido mil vezes nas poéticas.

A comédia, quanto a mim, é um drama que castiga o vício pelo ridículo. Daqui se segue que o primeiro intento é a crítica, daqui se conhece que o vício, que deve ser o assunto, não é nenhum dos que fazem o objecto das leis. Daqui se vê bem claramente que o modo de castigá-lo é o riso, pois querendo um homem parecer quanto há de mau no mundo, primeiro que ridículo, infalivelmente se emendará daqueles defeitos que o fazem tal à vista dos outros homens.

Ora olhai, senhores, para todos os séculos, para todos os dramáticos, para todas as nações ou para todas as comédias. Quantas vedes sem moralidade? A maior parte e talvez as da primeira reputação. Quantos escandalosos vedes sobre a cena? Inumeráveis. Quantas vos causam aquele riso discreto fundado no desprezo dos vícios? Poucas. Pois assentai em que há muito poucas comédias. Nada importa que o poeta vos queira prevenir pondo no princípio da sua composição *Comédia*, que digam os cartéis que vedes nas esquinas *Comédia*, que leais nas bocas dos teatros *Castigat Ridendo Mores*¹.

¹ 'Castigar com o riso dos costumes'. Princípio em que se fundamenta a comédia, criado por Jean Santeuil (1630-1697).

Capacitar-vos-eis, vendo a figura de um sátiro, que é a estátua de uma deusa porque ledes no pedestal *Vénus*?

Se víssemos unicamente nos defeitos da arte a falta de conformidade, cairia toda a desgraça sobre a reputação do poeta, não assistiriam às representações os sábios, mas não seriam prejudiciais aos que discorressem com menos delicadeza. Não se iria aprender aos teatros, não veríamos comédias, mas seria um divertimento honesto, inocente.

Porém, que vedes nesse drama em que se deve ver a correcção do vício? Eu vo-lo digo. Vedes perdida a veneração às leis, um temerário filho faltar ao respeito aos pais, estes, por um amor indiscreto, cúmplices de suas maldades. Vedes um criado corromper um moço virtuoso, uma donzela abandonar a modéstia, um amigo cometer uma aleivosia. Vedes a lascívia da meretriz, os enredos da alcoviteira, pervertidos os sentimentos da honra, enfim, uma escola do vício. Pois aquele horror que estas maldades encontram no fundo de justiça, que se acha nos mais bárbaros espíritos, se perde inteiramente pela feliz conclusão que lhe dá o poeta, e até parece que se deixa de ver aquela providência que premeia a virtude e que atropela a maldade.

Desterrem-se semelhantes composições dos olhos do mundo, clamem os virtuosos, proíba-os a religião, mas não caiam as censuras sobre a comédia. Vejam-se na cena unicamente aqueles objectos que pede a sua mesma definição, examine-os o poeta como filósofo, não castigue com o ridículo aquela maldade que merece o patíbulo, não queira tirar o riso da impiedade pondo-nos como objecto ridículo um defeito que nos deverá incitar a compaixão, por exemplo, não nos queira fazer rir de um tartamudo, não nos pinte os vícios que não temos, não nos critique os defeitos das outras nações, não nos faça digna a profanidade dos amores e mostre, por conclusão, a virtude triunfante do vício.

Esta comédia, a quem não parecerá digna? Que pai de famílias mais austero não conduzirá o filho aos teatros? Que mãe virtuosa deixará de acompanhar a donzela a estes espectáculos? Que zeloso temerá que a mulher encontre nesta fábula ideas para zombar das suas cautelas? Que filósofo deixará de honrar estas representações? Que magistrado não animará aqueles génios que desempenhem semelhantes desígnios? Que padre da igreja deixará de ver nestas composições aquela moralidade santa que a austeridade muitas vezes nos não deixa gostar? Enfim, que proveito não tirariam os espectadores? Que agradável não fora uma sociedade de homens sem preocupações.

Não vos pareça, senhores, que esta comédia seria unicamente boa para ser vista por filósofos, não imagineis que dormiriam as damas não vendo nela satisfeitas a ideia dos seus amores, não presumais que se lembraria o rapaz dos seus divertimentos pueris, que o moço alegre estaria melancólico e que fugiriam os viciosos, porque a nossa constituição é de sorte que não há ninguém que não conheça o merecimento da virtude, que não discorra entre si alguma razão para o que obra. O avaro teme a miséria, o pródigo presume-se generoso, o vaidoso engana-se com o desejo da perfeição, o soberbo com a distinção da qualidade, o zeloso com a honra, o afectado com a polidez, o impertinente com a eficácia, os namorados com a formosura, os pedantes com a ciência. Descoberto este segredo, que é no que consiste a comédia, já os vereis estranhar reciprocamente os excessos, já os vereis querer ocultar os defeitos, para poderem lograr aquela satisfação com que os homens se riem dos outros quando os vêem confundir a virtude com a ridicularia.

Suposto que este assunto fará a comédia útil e agradável, e conhecido que o seu primeiro intento é a emenda dos costumes, que estranha fica sendo a fábula tirada mais da imaginação do poeta que dos originais que estamos vendo continuamente. Sendo ela uma imitação do que passa, para que havemos de fingir uma coisa quase inverosímil ou que nos refere a historia como admirável? Nelas vejo, a cada passo, um que naufragou

em uma ilha deserta, outro que foi achado nas mantilhas em uma praia, outro que estava para casar com a irmã que não conhecia, outro que se fingiu marido de uma mulher que tinha o esposo na América, outra dama caprichosa que foi correr o mundo para vencer a inconstância de um homem, e outro que se namora de um retrato a perder o juízo, e muitas semelhantes ideas romanescas, ainda insuportáveis para sustentar uma novela.

Entram nos episódios, por exemplo, em um país em que o pai é o primeiro que vem saber quem bate à porta, dá um criado desconhecido cartas às filhas da casa, a toda a hora tem longas conversações, há jardins em qualquer casinha para os amantes se falarem de noite, encontram-se nos passeios que não há, acompanham as damas sempre que as encontram quando parece mal até tirar-lhes o chapéu, os criados dos namorados é da tarifa tratarem-se com a maior familiaridade, quando os da mesma casa, de diferente sexo, não costumam ver-se. Enfim, põem-nos diante dos olhos o contrário do que passa.

Quanto mais confuso é o enredo, melhores lances tem a comédia. Amontoamos mil circunstâncias em uma penosa relação do passado, de que é impossível que nos lembrem aquelas coisas precisas para a inteligência do drama, e trazem-nos de repente uma carta ou um parente que nos desfaz toda aquela história.

Parece-me que a fábula deve ser tirada dos sucessos mais triviais, que vendo os homens a sua cegueira nas coisas que lhes estão sucedendo a cada passo se confundem com mais facilidade, que os episódios sejam acompanhados da mais exacta verosimilhança, que se oculte a arte inteiramente que o poeta não parece mais que um copista moral da natureza, que se lhe não conheça que a pobreza da sua ideia lhe ocultou o que mais estão vendo claramente.

O aperto dos lances ou o enredo muito empenhado é arriscadíssimo nas saídas. Carregar a memória dos espectadores nas obras dramáticas, em que os sucessos é que devem produzir efeito e não as palavras, é falta de artifício. A comédia é para todas as idades, para toda a qualidade de gentes. Quanto menos confusão, melhor, quanto mais simples a fábula, mais interessante. Não está o seu efeito em que o poeta mostre a sua invenção mas em que satisfaça os caracteres dos que põe em cena.

Duas coisas examino, quanto ao êxito da fábula, que me parecem totalmente incompatíveis com o fim da comédia, ainda que não só as vejo praticadas na maior parte, mas dadas como regra por antigos comentadores de Aristóteles e por alguns modernos, que se lisonjeiam de ter adiantado a perfeição destas composições. Quais são? O êxito feliz e a propensão que desde o prólogo devemos ter ao primeiro papel. O primeiro papel é o vicioso. Pois como deve o poeta fazer que os espectadores desejem que triunfe o vício sem perverter o fim da comédia? Este é repreender o defeito, pois como pode o poeta satisfazer o primeiro actor sem aprovar este defeito, sem animar os espectadores à sua animação?

Por exemplo, o namorado é o primeiro papel da comédia deste carácter, faz quantas ridicularias cabem na violência daquela paixão para merecer a boa aceitação da dama, consegue-a por fim. Estou certo que todos os namorados que virem tal exemplo darão por bem empregados todos os tristes papéis que fizeram, na esperança que se lhes dá de conseguir a dama.

Que importa que pintem ao ambicioso os perigos do mar, os riscos dos sertões, as penosas enfermidades, os maus tratamentos que experimentam os que buscam o ouro na América, se por fim lhes mostram os tesouros que trouxeram outros? Se lhe fizessem ver impossível a satisfação do afecto, ou se o fizessem mais ridículo conseguindo-a, seria proveitoso o exemplo. Se este vira o fim que regularmente tem esse ouro, certamente não trocaria a tranquilidade da vida por uma coisa que lhe apressa a morte. Por onde assento que a aversão do primeiro papel, que o êxito infeliz, são precisos à comédia. Falo daquela aversão e daquela infelicidade que são próprias do assunto. Bem me ocorre que o primeiro papel pode ver-se convencido da sua preocupação mas não

deve lograr a nossa propensão antes. Bem me ocorre que pode ser virtuoso o primeiro papel, mas deste não devem falar os comentadores, porque não é preciso na comédia.

Os caracteres devem ser ridículos e naturais. Porém, como tenho dito que a comédia é uma cópia do que passa e que o seu fim é a emenda dos costumes, há uma séria reflexão a fazer sobre eles. Se eu pinto as acções dos viciosos como elas são fielmente, eles em lugar de corrigir-se se lisonjeiam. Se eu ponho sobre a cena todos os caracteres viciosos, falta o exemplo, e, persuadidos a que não há virtuosos no mundo, assentam que cada um tem a sua mania e ficam da mesma sorte o namorado rindo-se do jogador, o avaro do soberbo, o pródigo do afectado.

Por isso, naquele actor que representa o vício que intento criticar, acho preciso irritar o carácter para que todos conheçam o ridículo, principalmente se o vício é geral. Por exemplo, em um país em que todos se presumem ilustres, mostrarei eu bem o ridículo em referir o que todos dizem? Certamente não. Em um país em que todos são zelosos, mostrarei eu bem o ridículo em fazer o que todos fazem? Certamente não. É logo indispensável mostrar na cena um excesso tirado destes caracteres, que deixe considerar os viciosos que são bem capazes de chegar àquele extremo, de que conhecem o ridículo, com a proporção devida, que não aprovo, por exemplo, na cena, para mostrar a distração de um homem fazer que ele, cuidando que se mete na barca de Caronte², se ponha sobre as espáduas de outro.

Acho também, por esta mesma razão, que fará bom efeito pôr na cena algum virtuoso, ou menos ridículo, para que este, não com aquela pesada moralidade que vejo em alguns modernos mas com certos golpes críticos que parecem ridículos aos viciosos, vá dispondo os espectadores de sorte que pela solução ou fim da comédia fiquem inteiramente desenganados, porque, como disse que esta composição é para todas as idades e capacidades, é necessário que o poeta, pelo pueril interesse de fazer o seu drama com mais artifício, não deixe algum equívoco entre a virtude e o vício.

30 Agosto de 1758

² Entidade do mundo infernal a quem cabe a tarefa de passar as almas através dos pântanos do Aqueronte para a outra margem do rio dos mortos. Em paga, os mortos são obrigados a dar-lhe o óbolo. Dirige a barca fúnebre mas não rema, são as almas que desempenham a tarefa. (Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Lisboa: Difel, 1999)